

MENINO

POR

BOURBON E MENESES



A PENINSULAR L.^{DA}

55, RUA DA VITÓRIA, 55
LISBOA

Victoria
p.

H

d

MENINO

POR

BOURBON E MENESES



1675-924-925

A PENINSULAR L.^{PA}

55, RUA DA VITÓRIA, 55
LISBOA

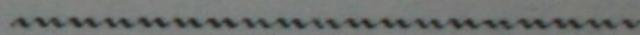


C'est dans la paternité seule, mais dans la paternité complète, consciente, c'est-à-dire dans l'éducation de l'enfant, que l'homme en vient «à sentir tout son cœur».

GUYAU — «Éducation et Hérité».

O reino dos céus é dos pequeninos e dos que com eles se parecem.

SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE — «História duma alma».



Aspects Fernando Pessoa

Afectuosos homenagens

*A
seu abn*

1927

*Uma vez mais
a todos.*

Zumbon. Menese

No part of the amount

of the amount

of the amount

of the amount

1917

of the amount

DEDICATÓRIA

*AS dores do meu nascimento
tiveram a sua compensação,
trinta anos volvidos, quando
nasceu o seu neto — quando nas-
ceu o meu filho. Estas páginas,
que eu não saberia escrever se
êle mas não inspirara, são dêle—
e suas. Entrego-lhas melancólico
sôbre as decepções com que jun-
quei a sua via sacra de mãe—
quási a chorar de alegria pelo
que o seu e o meu coração prefi-
guram no meu anjo.*

I

1. Ó graça etérea e saúdosa das tardes de quebranto e sonho. Ó maviosas tintas que o rosicler perfuma no desabrochar das manhãs doiradas. Ó doce enlêvo das noites scismáticas. ;Como poderiam os meus olhos ver o vosso encanto se êles tateavam na escuridão da soledade a bênção do meu menino que não nascera ainda?

2. Mísera e mesquinha era para meus ouvidos a música das fontes chorando a mágoa ignota das paisagens. Declarações de amor dos passarinhos trilando seus estos de paixão e ternura, ladainhas imensas que o vento harpeja na orquestra das florestas, ;como poderiam os meus ouvidos entender-vos se à minha fome de melodia não chegara o meigo acorde da voz do meu menino que não nascera ainda?

3. Velhas árvores amigas, choupos tristes, graciosas olaias todas vestidinhas de

púrpura, venerandos plátanos e cedros, que dais agasalho aos vagabundos e abris os braços aos poetas, ¿como querieis vós que o meu coração tivesse blandícias para a vossa inquietação sem fala se no meu peito, sôfrego do seu ritmo, não batia ainda o coraçãozinho do meu menino que não viera ao apêlo da minha tristeza?

4. ¡Ó mar das negras tempestades, ó mar das lânguidas quietudes! Se as tuas ondas orquestravam os bramidos que fazem tremer no seio das penedias o coração das rochas, ¿como não havia eu de ter mêdo da tua grandeza se estava só sem o meu menino? Teus arrulhos, se te fazias bom em terno idílio com o céu, ¿como não haveria eu de os recear traiçoeiros e perversos e escarninhos se ainda o meu menino não nascera para correr nas tuas areias e brincar com as tuas conchinhas?

5. Ó céus, ó astros, ó arrebóis, ó brandos rios, ó solenes montanhas que a névoa e o crepúsculo vestem de sombras espan-tosas, ¿como haveria eu de amar-vos, na plenitude de amor de que sou capaz, se o meu coração chorava a toda a hora pelo meu menino que não nascera ainda?

6. Ah! Eu tinha olhos e não via. Ah! Eu tinha ouvidos e não ouvia.

II

1. Tua graça em flor é paradisiaco gorgueio no pleno azul da felicidade que me deste.

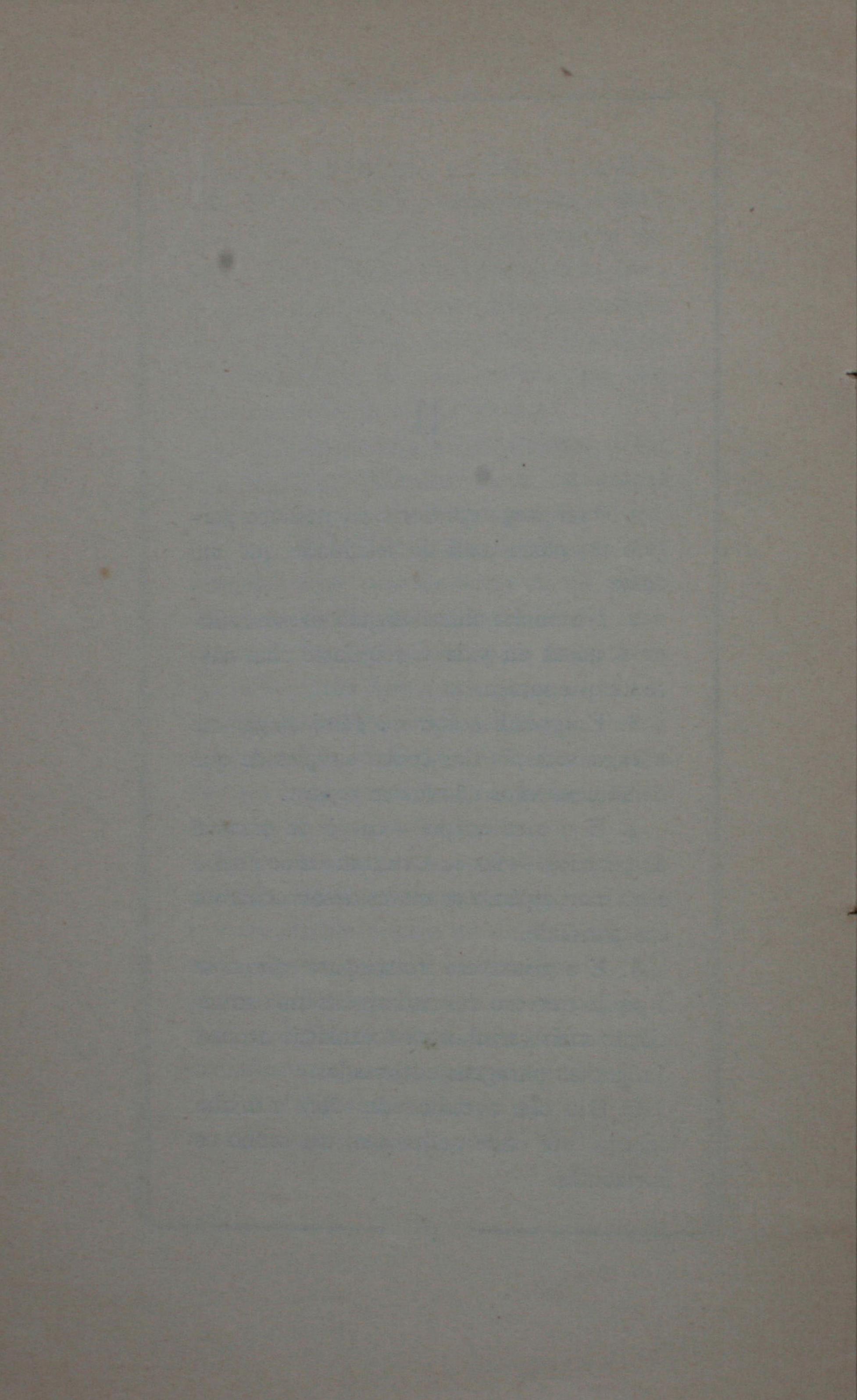
2. Na minha alma fatigada fizeste reflorescer o gosto da vida e acordaste uma nascente que secara.

3. E aprendi a sorrir e senti afagar-me a vaga sedução das coisas simples de que os homens vãos não fazem reparo.

4. E o meu corpo — carga de ossos e de pecados — fez-se leve como uma pluma e no meu espírito as trevas desabrocharam em claridade.

5. E a primavera trouxe para mim com o pipilo nervoso das andorinhas uma anunciação mais carinhosa e a exalação aromal de ignotas paragens encantadas.

6. E o céu aveludou-se, sobre a minha cabeça, até onde se esvaem em sonho os horizontes.



III

1. Colocaste, sem o saberes, tuas pequeninas mãos sôbre as minhas úlceras e saraste-mas.

2. Ungiste, sem o saberes, as minhas dores profundas e logo elas se atenuaram e extinguiram.

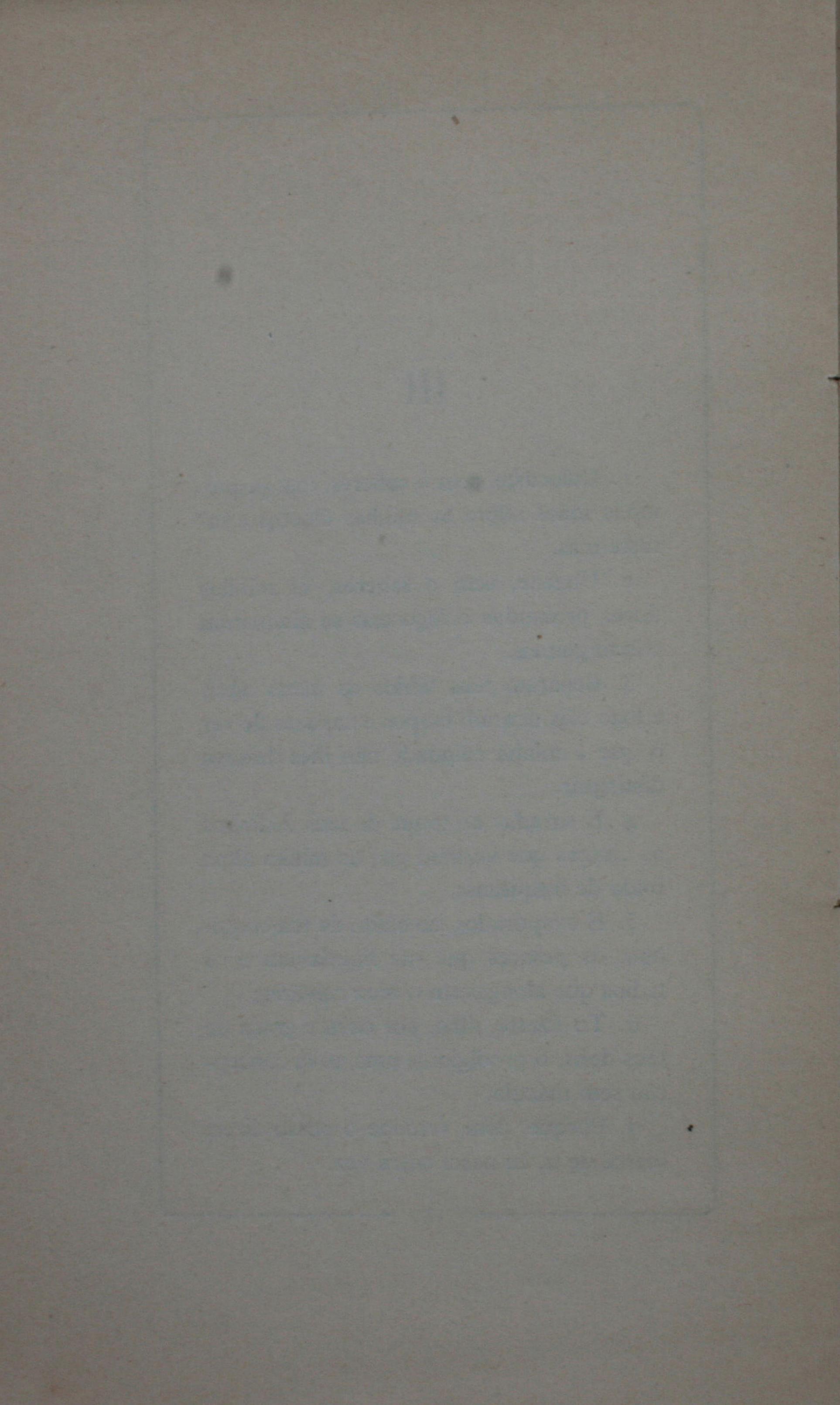
3. Beijaram teus lábios os meus olhos e logo êles ficaram limpos e capazes de ver o que a minha ruindade não lhes deixava distinguir.

4. E saradas ao toque de teus dedinhos as chagas que vertiam pus na minha alma roída de fraquezas;

5. E evaporados, ao hálito da tua boquinha, os pesares que me flagelavam e os tédios que alongavam o meu calvário;

6. Tu fizeste, filho, por obra e graça de teus dons, o prodígio de uma nova concepção sem mácula.

7. Porque, com verdade o posso dizer, mercê de ti, eu nasci outra vez.



IV

1. O murmúrio dos ribeirinhos não é mais doce do que a tua voz: os teus olhos filtram a luz para me darem unguida da tua inocência. E a graça do teu sorriso chega a supor que é Deus que se revela à minha descrença.

2. Reverdece nas árvores dos parques solitários e dos vergéis abandonados o verde das frondes acarinhadas pelos teus olhos.

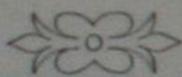
3. Em cada fonte ergue a água, à tua aparição, sua voz suave num canto novo e os jardins suplicam a tua presença e alegam-se com os teus passos.

4. Geme de gozo o pó das alamedas quando o pisas correndo atrás do teu arquinho.

5. E quedam-se, nos ramos, em êxtase, as avezinhas quando passas e descerras para o mistério das fôlhas e dos trilos os teus olhos admirados.

6. Tudo que a luz dos teus olhos toca logo estremece e sorri na minha alma que é assim como uma harpa sensitiva e ressoa à menor aragem.

7. E tudo nela se tornou festivo.



V

1. Minha dureza ancestral foi crosta de orgulho e secura de que a tua inocência, soltando o primeiro choro, me libertou para sempre.

2. Não há angústia, desafogando em soluços, que a minha sensibilidade, como uma antena, não registre, instilando até o fundo de mim mesmo o seu arrepio, que vem dos confins da dor humana.

3. Todas as mães aflitas e dolorosas que sob os andrajos não conseguem dissimular o tesouro da sua ternura pelos filhos desgraçadinhos descansam a fronte coroada de espinhos no meu peito.

4. ¿ Como sentiria eu, se não foras tu, esta onda de amor que rola dentro de mim e se espraia pelo mundo todo?

5. A querer-te, fez-se o meu coração mais dilatado e sensível.

6. E por isso eu posso afirmar que te devem muito os desgraçados.

VI

1. Filho: os teus dons são inefáveis e não me canso de os abençoar.

2. Por ti e para ti procurei o amor de uma mulher e edifiquei um ninho e nêle me refugiei como uma fera no seu esconderijo e um santo na sua caverna.

3. Por ti e para ti, como o sacerdote à beira do altar, pronunciei palavras de contrição e arredei os olhos das podridões que me atraíam.

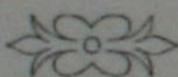
4. Por ti e para ti quis ser bom e fiel a tudo que, em verdade, merece ser amado.

5. As minhas noites são mais bem dormidas desde que nasceste e até os sobresaltos que experimento por tua causa me dão vontade de chorar, quando penso que os poderia ter conhecido há muito tempo.

6. Ao pé de ti, filho, eu sou pequenino. ;Dá-me a esmola das tuas festinhas e não deixes nunca de passar a tua mãozinha pelo meu cabelo, que é tudo quanto te peço!

7. A tua inocência deu-me o remorso das minhas misérias. Filho! ;Que na infinita noite desta expiação reluza sempre a graça do teu sorriso!

8. Dá-me os teus carinhos e tudo o mais me virá por acréscimo.



VII

1. A tua fragilidade é a minha fôrça. Nos teus bracinhos reclino a minha cabeça.

2. A tua alma é uma flor de graça milagrosa que vejo abrir-se todos os dias para embalsamar a minha vida.

3. ¿Donde vem, filho, esta fôrça de mistério que me perturba e me faz sôfrego das tuas carícias?

4. Um filho que se deseja é uma prece que se reza com o corpo todo. E o meu corpo ressequiu-se na combustão dessa prece. E o meu coração exaltou-se a bater pelo seu anseio.

5. ¿Se me deste um filho, Senhor Deus das Misericórdias, porque me não concedes a graça da fé por que chora o meu coração na desolação da impiedade?

VIII

1. Perdoa, mãe, que o teu amor não tenha bastado à sêde que veio queimar-me. Perdoem-me, irmãs minhas, que o vosso beijo se tornasse frio na minha face. ;E tu, mulher, porque não has-de perdoar-me também, que minhas ternuras de amante se volvessem, acrisoladas na adoração do nosso filho, no casto amor em que te cinjo?

2. O nosso amor, que foi ardente como as labaredas, fez-se tranqüilo como um oceano que guarde no seu seio loucos torvelinhos. ;Quem operou êste prodígio de extrair do fogo de um vulcão a dôce claridade que nos alumia?

3. Tu eras para mim como um archote na escuridão. As tuas mãos, se as poisavas nas minhas mãos, faziam-me estremecer. Os teus afagos eram como mágicos eflúvios. ;E fui bêbedo das tuas volúpias!

4. O nosso amor ardeu como um incêndio. Os nossos beijos soldavam-nos as

bocas e as nossas respirações foram uma só respiração. ; Como se apagou êste fogo que crepitava em mil scintelhas?

5. Os nossos corpos eram um feixe de brasas vivas. Os nossos abraços arrebatados. ; E não havia gesto teu que não perfumasse o ar à minha volta!

6. Um caminho atapetado de rosas e açucenas não seria mais aprazível e macio do que foi, para ambos, a nossa vida de amantes.

7. Recordo-me de que chorámos e algumas vezes que chorámos juntos. O amor pede o bálsamo das lágrimas. As nossas lágrimas foram pranto de amor.

8. Quando a inclemência do destino mais nos açoitava e o meu ânimo ia a quebrantar-se, tu encontravas no teu sentimento palavras que me punham de pé, com os dentes cerrados, resoluto para afrontar todas as provações. E o nosso amor ganhou assim o travo das lágrimas e purificou-se no altar das tribulações.

9. E assim era preciso que acontecesse para o divino prodígio que haveria de abençoá-lo dando-nos o nosso filho.

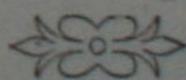
IX

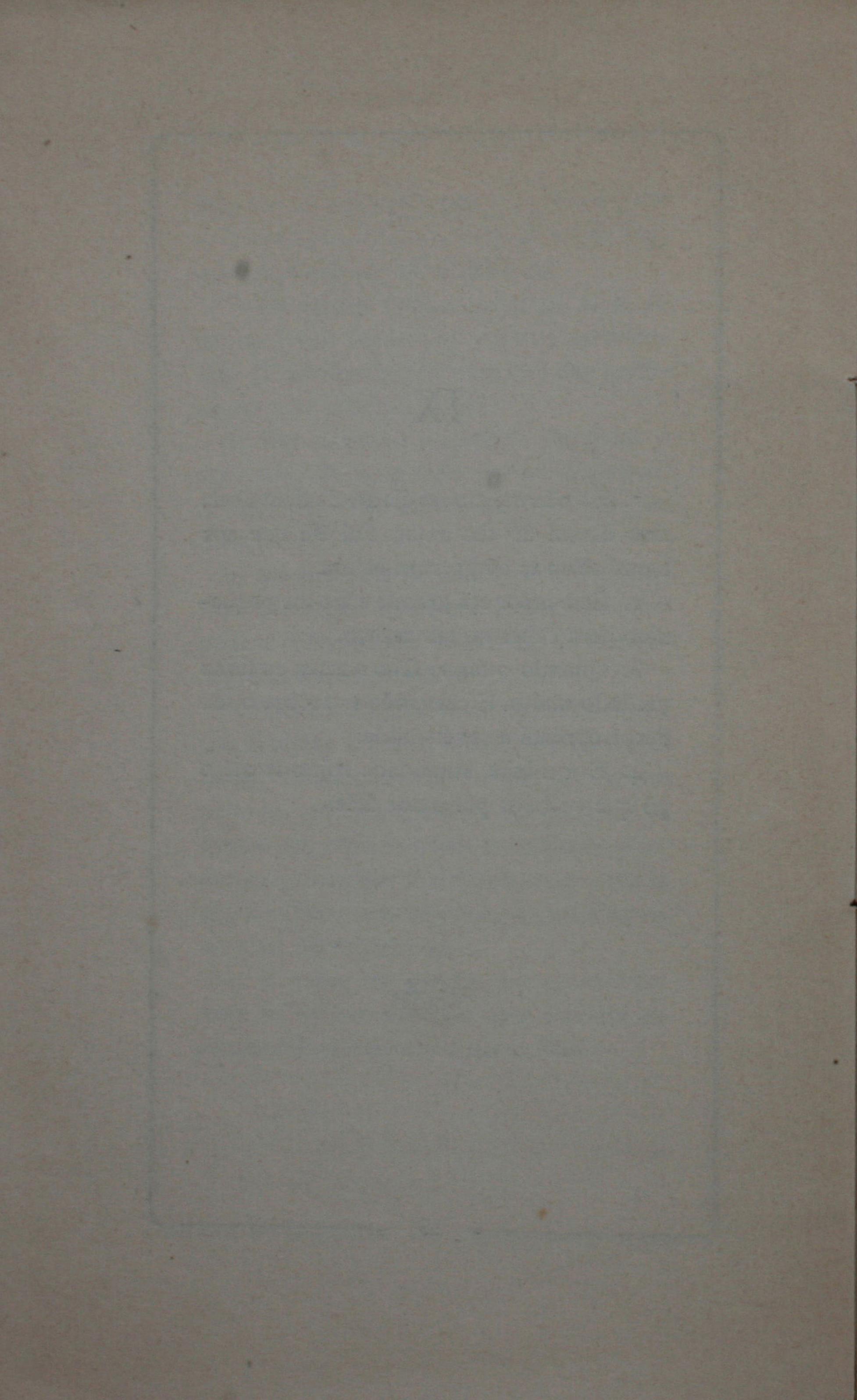
1. Eu não me curvei diante de ti, mulher, mas diante do teu amor. Foi êle que aos meus olhos te emprestou beleza.

2. Êsse amor era grande e fez-me pequenino para caber no teu regaço.

3. Quando o nosso filho nasceu eu tinha mudado muito. E curvando-me sôbre o seu berço aprendi a ser humilde.

4. E a minha humildade rojou-se até o pó que eu beijo por amor dêle.





X

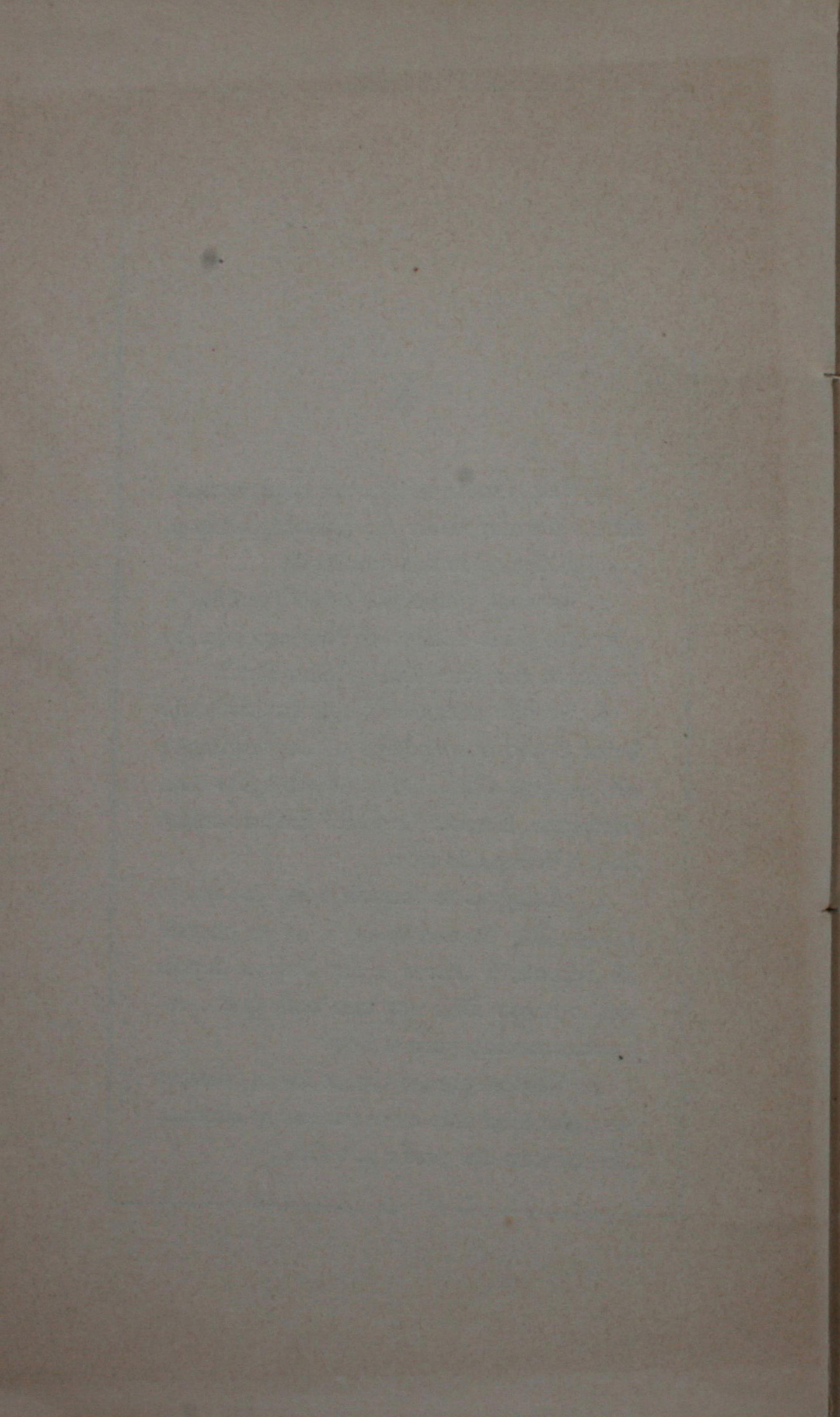
1. Vem, espôsa minha, ver como o nosso filho a dormir parece um anjo e ajoelhar-te comigo diante da sua inocência.

2. As suas pálpebras estão cerradas e parecem duas pétalas de rosa escondendo o luzeiro dos seus olhos. Como sorri!

3. Se não chegares o teu ouvido à sua beira e não suspenderes a tua respiração não ouvirás a dêle. Olha: mexeu agora uma mãozinha. E falou. Ouviste? Está a sonhar com o brinquedo novo.

4. ; Lembras-te daquela noite em que o nosso filho dormia assim e tu te puseste de repente a chorar e me disseste depois que o nosso filho era tam bom que o receavas nascido para o Céu?

5. Nascem para o Céu todas as crianças que têm uma mãe e um pai que as adoram.
; O coração dos pais é já o Céu!



FILHO NOSSO, CHEIO DE GRAÇA,
QUE ESTÁS NO CEU DO NOSSO
AMOR POR TI SANTIFICADO E PURIFI-
CADO DE TODO O PECADO, VÉLA POR
NÓS INSTANTE A INSTANTE, E SEMPRE
PARA NÓS, ASSIM PEQUENINO, SÊ NA
PUREZA DA TUA CANDURA A LUZ BEN-
DITA QUE NOS GUIE OS PASSOS E NA
HORA DA MORTE A LUZ PIEDOSA QUE
NOS ALUMIE.

COMPOSTO E IMPRESSO
NA
IMPRESA NACIONAL DE LISBOA
EM
OUTUBRO DE 1925

EDIÇÕES
DE A PENINSULAR, L.^{DA}

OS ESQUECIDOS

Leite Bastos, Costa Alegre, Heliodoro Salgado, «Beldemónio»,
Fernando Leal, o «velho Gervásio», José Duro, Ernesto da
Silva, Moniz Barreto, João Clímaco, Eduardo Pinto, José
Newton, Alfredo Serrano, Manuel Cardia, Felizardo de
Lima, Nunes Claro, Guilherme Braga, Eduardo Perez,
Martins Figueira e Silva Pinto, por *Mayer Garção*, exem-
plares numerados, 10\$00; edição vulgar, 6\$00

A PAISAGEM NA OBRA

DE CAMILO E DE EÇA

Com a reprodução «fac-simile» de uma carta do autor do
AMOR DE PERDIÇÃO, por *Bourbon e Meneses*, 8\$00

DIAMANTES NEGROS

Poemas de *Eduardo Metzner*, com um artigo-prefácio de
Bourbon e Meneses, 5\$00

NO LEILÃO AMEAL

Crónicas de *Matos Sequeira*, desenhos de *Alberto Sousa*, 10\$00

RUA DA VITÓRIA, 55 — LISBOA

TELEFONE 3700 — C.